

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

O novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

NOVEMBRO 2018

€1.25

Nº 179



Destaques nesta edição



Pág. 8 a 11

In memoriam - Reverendo Fernando Santos



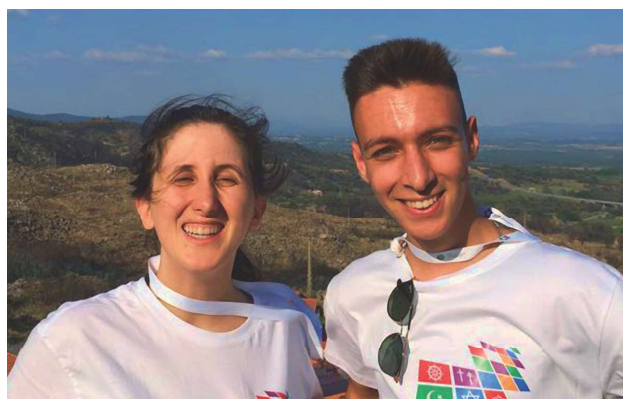
Pág. 12 a 15

97º Sinodo Diocesano



Pág. 16 e 17

150 Anos da Igreja e Escola do Torne



Pág. 28 e 29

Jovens em diálogo Inter-Religioso

Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

siga-nos no: www.facebook.com/igreja-lusitana

versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, Rev. José Manuel Cerqueira **Colaboradores neste número:** Brígida Arbiol, Catarina Sá Couto, Bispo Fernando da Luz Soares **Fotografia:** Bispo Jorge Pina Cabral **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



A essência da vida inclui o mistério da morte

D. Jorge Pina Cabral

A morte súbita e inesperada do Reverendo Fernando Almeida dos Santos, ministro da Igreja Lusitana, surpreendeu-nos e chocou-nos a todos. A notícia correu célere e apanhou-nos desprevenidos. Ninguém sem exceção ficou indiferente. Dos mais novos aos mais velhos na Igreja, todos nos sentimos irmanados no choque e na dor, no espanto e na interrogação;

- porquê uma partida tão prematura de um adulto jovem com uma vida de realizações pela frente ?

- porquê este chamamento de Deus a um servo tão comprometido na vida da Igreja, a um ministro da própria Igreja e tão fundamental para o trabalho na Seara do bom Mestre ?

Para além destas e muitas outras interrogações, legítimas e sérias, que importa agora colocar em oração perante Deus, sentimo-nos também irmanados na dor, no choro da tristeza da perda de alguém que estava próximo de nós na sua condição de amigo, de familiar, de pastor e de confidente. Recebi muitas mensagens que para além das condolências habituais iam mais fundo e traziam ao de cima uma reflexão e um questionamento muito pessoal, perante a vida, perante o caminhar da própria Igreja que somos e perante Deus.

Percebemos aqui quão decisiva pode ser a morte de outros para a nossa própria vida. Nada mas mesmo nada é capaz de nos interpelar mais do que a morte dos outros e em particular daqueles que connosco caminham na nossa peregrinação existencial. A morte dos outros como que aviva a nossa própria vida tornando-a mais intensa e mais densa de mistério e de profundidade. Paradoxalmente a partida dos nossos queridos e conhecidos oferece novas dimensões à nossa própria existência, e nada, mesmo nada, fica como dantes. É como que um tempo de crescimento existencial obrigatório que a todos nos é imposto e proposto mesmo contra a nossa própria vontade. Deste modo a essência da vida inclui o mistério da morte.

Nas páginas desta edição do Novo Despertar registamos textos e pensamentos que foram escritos em sua memória e homenagem e que exprimem visões unânimes no reconhecimento de um homem de Deus que no seu estilo próprio serviu até ao fim a Igreja que decidiu em consciência integrar já na sua vida adulta. Através da sua ação e posicionamento a Igreja ficou mais sensível e atenta às minorias e em particular àqueles que pela sua orientação sexual sofrem de discriminação.

Como referiram e bem os primazes da Comunhão Anglicana, preconceitos homofóbicos e atos de violência contra minorias sexuais devem ser rejeitados e as Igrejas dada a sua própria natureza devem ser acolhedoras de cada pessoa independentemente da sua circunstância própria. Fica-nos agora uma ausência e uma perda que irá acompanhar o nosso caminhar eclesial e que nos irá ajudar a perceber quão profundos são os laços que desde já nos unem na Comunhão dos Santos.

Dou graças a Deus pelo renovado compromisso assumido por muitos e muitas que na vivência desta adversidade se souberam mostrar confiantes e seguros no compromisso com a Igreja e em particular com as comunidades que o Reverendo Fernando pastoreava. É o verdadeiro sentido do discipulado intencional que brota das exigências que a vida nos coloca e se exprime numa fé mais amadurecida e comprometida capaz de dizer presente e de aceitar o sacrifício da entrega como caminho de libertação e de configuração a Jesus Cristo.

Pela sua vida e ministério damos graças a Deus, sabendo-o agora no usufruto da ressurreição e na vivência plena do encontro e da Comunhão com Deus. A sua passagem para a vida eterna, irá e está desde já, a dar muitos e bons frutos.

+ Jorge

24^o Campo de Férias do DMIL

Foz do Arelho – 9 a 17 de Setembro de 2018



Realizou-se de 9 a 17 de Setembro passado o XXIV Campo de Férias do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana. O Campo de Férias teve lugar nas instalações do Inatel na Foz do Arelho e congregou 25 participantes provindos das paróquias lusitanas. Como habitual o programa foi muito diversificado e espiritualmente enriquecedor.

Diariamente os participantes usufruíram de tempos de oração e de estudo bíblico. Houve lugar ainda para a realização de uma celebração eucarística presidida pelo Rev. Carlos Duarte, Vigário Geral da Igreja Lusitana.

Dada a riqueza dos tempo vividos, apresentamos o testemunho de três dos participantes.

“Agradeço em primeiro lugar aos elementos que compõem a direção do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana, por me proporcionarem uma semana de férias tão maravilhosa, a que já nos habituaram ao longo destes 24 anos. Foi tudo muito bom. Boa camaradagem, muito respeito e compreensão pelas capacidades de cada pessoa, tudo vivido com muito amor; realço sobretudo os nossos fins de tarde em que nos reuníamos para o momento espiritual, cujo tema foram as palavras de Jesus “Não tenham medo”.

O clima esteve bem ao meu gosto, temperatura amena e com aquela habitual humidadezinha própria da localização junto mar e que para mim foi tão agradável! O jogo dos amigos secretos deste ano, sorteou-me uma nova amiga, a Matilde. E não quero nem posso deixar passar esta oportunidade de lhe agradecer pelas belas mensagens que me enviou durante aquela semana de férias.

Relembro uma cartinha em particular, que recebi no dia 12, e que no final dizia: “Gostaria muito e creio que falo por todos, de a ouvir declamar um poema que nos fale da sua forma de ver a vida, que nos transmita um pouco da sua serenidade”. Estas palavras tocaram muito fundo no meu coração e não, não pensem que me encheram de vaidade... porque o que senti naquele momento foi uma profunda felicidade. *Termino com “alguns” versos de um poema escrito por uma irmã em Cristo, Manuela de Oliveira:”*

“É tão bom ter um amigo...que fale comigo;

*que ouça minhas queixas e meu pesar,
que a minha mágoa possa partilhar.*

*Que ouça a minha dor, ouça o meu lamento,
que sinta a fraqueza daquele momento.*

Amigo é uma palavra tão bela!

Um pacto de amor dentro de si sela.

É dar-se, é ouvir, sem reclamar,

Saber pôr em prática o verbo Amar.

É poder dizer, com fé, com fervor...

Eu amo-te irmão, no amor do Senhor!”

Foi tudo isto que recebi e que tentei transmitir-vos; e mesmo que não o tenha conseguido, digo-vos agora do coração a todas vós, mulheres do DMIL, que vos amo muito.

Ilda Carvalho, Vila Franca de Xira

“Não tenham medo!”

S. Marcos 6,50



*Felizes as almas
que têm o dom de descobrir
o lado luminoso
de todas as coisas.*

Escrevo como se lá estivesse. Os meus olhos encheram-se de tanta beleza, numa neblina clara, calma e misteriosa. O rio era uma tela. Depois as instalações, o serviço de mesa, o convívio, tudo perfeito. Adorei os passeios a Óbidos e Caldas de Rainha e caminhei imenso, curiosa por ver tudo e sempre em companhia das simpáticas Senhoras, de quem gostei muito e envolvo num abraço abrangente de gratidão e amizade. Vi-me envolvida num dia a dia que desconhecia. As orações, os cânticos que me tocaram como há muito não sentia. Depois a “praxe”, como me diverti... Bem dizia a minha amiga Lininha que há muito me falava deste encontro de Senhoras, só não podia porque, neste mês, fazia Termas.

Graças a Deus que fui e peço-Lhe que me dê vida e saúde para que possa ir por mais uns anos. Regressei de alma lavada.

Rosa Cândida, Porto

Nos dias 9 a 17 de Setembro fui de férias com o DMIL, para a Foz do Arelho, juntamente com a minha esposa. Ali me senti acarinhado por todas, e, tenho a dizer que fiquei maravilhado com tudo o que lá se passou. Eu agradeço a Deus por me conceder a gentileza desses dias, e a oportunidade de contemplá-los e vivê-los em Sua presença mais uma vez.

Carlos Costa, Vila Nova de Gaia

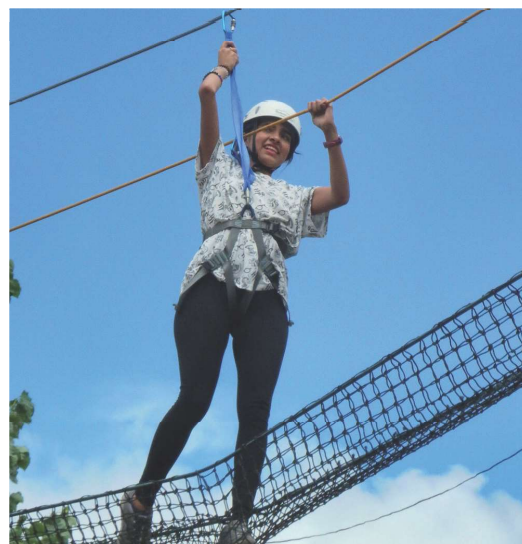
Campos de Férias

Atreve-te a ser +

Decorreu entre os dias 22 de Julho e 5 de Agosto deste ano a XXIX edição dos Campos de Férias da Igreja Lusitana. A edição dividiu-se em dois tempos e em dois grupos. O primeiro de 22 a 29 Julho para os mais novos - 6 a 11 anos, e o segundo de 29 de Julho a 5 de Agosto, para os adolescentes e jovens com mais de 12 anos. Os eventos realizaram-se no Centro de Férias da ACM na Foz do Arouce – Lousã e tiveram por tema: “Atreve-te a ser +” – Mateus 5:1-11. Destaque ainda para o Dia da Família em cada uma das edições no decorrer do qual se realizaram celebrações eucarísticas. Ao Novo Despertar chegaram muitos e belos testemunhos e orações de alguns dos participantes que queremos deixar aqui como estímulo para os próximos Campos e para as atividades juvenis.



“Pedimos-te por todos os monitores que estiveram aqui connosco uma semana e por nos terem ajudado nesta caminhada, pelos amigos e pelas experiências únicas; pela ACM, pela nossa Igreja que organiza os Campos e para que eles possam continuar por muitos anos. Pedimos-te mais anos de boa disposição, diversão, convívio, e mais fé...”



“Senhor Deus, queremos-te agradecer a oportunidade de ter conhecido e aprendido mais acerca de pessoas que fizeram coisas extraordinárias como Nelson Mandela, Malala, Madre Teresa de Calcutá ou Gandhi. Peço-te pelos grandes líderes mundiais sejam inspirados por Ti, para que o mundo possa ser melhor para todos...”





“Há oito anos que tenho experiência de participar nos Campos de Férias, e como tenho 16 anos, metade da minha vida, eles tem feito parte do meu coração. Este é um desafio e uma oportunidade para crescer como pessoa, como cristã e para fazer novos amigos. Aqui aprende-se sobre a Palavra de Deus graças aos Estudos Bíblicos, às orações e ao louvor. Como não seria correto guardar os Campos de Férias só para mim, há quatro anos convidei uma amiga que aceitou e que ainda hoje continua a participar. Este ano refletimos sobre as Bem-aventuranças que nos convidam a ser + mais como pessoas e como cristãos...”

“Tive a oportunidade de participar pela primeira vez, e com o meu irmão, no Campo de Férias, e agradecemos à Paróquia de S. João Evangelista esta experiência única. Tudo era novidade e nunca tínhamos convivido com tantas pessoas que não conhecíamos. Para nós foi importante o convívio e a Amizade, mas também as atividades na natureza, e como estivemos fora da cidade, aqui viveu-se tudo de outra maneira. Recebemos ensinamentos importantes como as bem-aventuranças e ao falar sobre pessoas importantes da nossa sociedade e que fizeram o bem. Também nos divertimos no rio, nas caminhadas, nas aldeias de xisto. Agora que acabou não nos apetece ir embora estamos já com saudade. Podem ter a certeza de que continuaremos a vir por muitos anos, talvez um dia como monitores... Obrigado Senhor por tudo isto.”



“Agradecemos-te, Pai, pelos estudos bíblicos e por nos teres ensinado que as bem-aventuranças são o caminho para a felicidade. Ensina-nos a ser mais simples, humildes e a ter mais coragem para lutar pela justiça, pela paz e a ter um coração mais bondoso...”



In Memoriam

Reverendo Fernando Almeida dos Santos

1974-2018

Sabemos que contigo nada é ortodoxo e que preferiste ir embora sem avisar ninguém

Súbita e inesperadamente o Reverendo Fernando Almeida dos Santos faleceu a 21 de Agosto passado. O Reverendo Fernando era Arcipreste do Sul e Pároco das Comunidades da Sagrada Família (Queluz), S. Mateus (Vila Franca de Xira) e S. Marcos (Salvaterra de Magos).

A sua morte provocou uma profunda consternação no seio da Igreja Lusitana e de todos aqueles que com ele tiveram o gosto de privar.

O serviço de funeral teve lugar na Catedral Lusitana de S. Paulo em Lisboa, no dia 24 de Agosto tendo sido presidido pelo Bispo Diocesano e com a presença de familiares, amigos, povo e clero da Igreja. Foi um tempo celebrativo de ação de graças pela vida e ministério pastoral exercido por este servo de Deus.

Dada a sua especial relação com os jovens da Igreja Lusitana, o *ND* transcreve a mensagem que os mesmos elaboraram para o homenagearem.

“Amigo Fernando, bem nos dizias que nas tuas paróquias às 9h eras o Padre, às 11h o Reverendo e à tarde o Pastor, mas para nós, jovens da Igreja, eras apenas o nosso Nando. Para nós eras próximo e confiante, amigo e cúmplice, sem que nenhum colarinho conseguisse alguma vez afastar-te de nós. Nando, tinhas sempre de nos surpreender, tinhas sempre de arranjar forma de ser disruptivo e de nos espantar e foste teimoso para o fazer mesmo nesta tua partida inesperada!

Um dia disseste-nos que não gostas de despedidas e tentaste sair dos Campos de Férias sem ninguém dar por isso, mas rapidamente estavas rodeado de abraços e carinhos daqueles que não te queriam ver partir. Pois bem Nando, desta vez ninguém se despediu. Mas sabemos que contigo nada é ortodoxo e parece-nos que preferiste ir embora assim sem avisar ninguém...

Mas hoje, amigo, estamos aqui e temos tanto para te agradecer. Guardamos com carinho a memória da tua vida que nos interpela, nos inquieta e acima de tudo nos desafia! Aquilo que foram os teus passos, as tuas escolhas e os teus exemplos desafiaram-nos a entregarmo-nos a Jesus como tu fizeste; desafiaram-nos a descobrir qual é a nossa missão e a segui-la com confiança; desafiaram-nos a encarar e ultrapassar os obstáculos com que nos cruzarmos; a tua vida inspira-nos a ser fiéis às nossas convicções e a levantarmos sempre a voz pelo Bem.

Lembramos as histórias que contavas dos Amigos de França, a comunidade que incluía pessoas com deficiência mental, com quem, nesse teu sentido de serviço e inclusão, partilhaste a tua vida durante algum tempo e dizias, com o teu humor e ironia habituais, que entre ti e eles não se notava a diferença! Lembramos a forma diferente, pessoal e próxima com que orientavas os estudos bíblicos nos campos de férias que estão ainda tão frescos nas nossas memórias.

E agora, particularmente, os jovens do teu grupo, o grupo D, querem agradecer-te pela forma como conseguiste pô-los a refletir sobre assuntos em que nunca tinham pensado e que vão orientá-los nas suas vidas; agradecer-te pela forma como naqueles momentos não eras para eles um monitor, mas um amigo atento, preocupado, que os entendia e os esclarecia.

Lembramos o exemplo que nos davas quando contavas da tua experiência em Taize onde estiveste, radical como não podias deixar de ser, 3 meses em silêncio! Inspiram-nos muito as tuas aventuras, os teus relatos e o teu caminho insistente na procura de Deus. Amigo Fernando, orgulha-nos o teu sentido de justiça e o olhar inclusivo que deitas sobre todos e todas. Para ti, todos pertencem a Cristo – sem exceção. Ensinaste-nos a sermos compreensivos, tolerantes, a



acolhermos os que nos rodeiam e a tratar toda a gente com dignidade. O teu exemplo mexe com o nosso comodismo e faz-nos querer tornar o mundo num lugar mais justo, onde todos pertencem de igual forma.

Desculpa por tudo isto parecer assim tão comum: garanto que se aqui estivesse tinhas virado este altar ao contrário, tinhas-nos posto em cima dos bancos e estávamos todos a fazer uma festa. Por isso hoje, amigo, celebramos a tua vida!

Hoje entoamos o cântico tantas vezes cantado contigo e por ti, mas com mais força repetimos estas palavras que agora te dedicamos: “É tão profunda a mensagem que chegou / São tão seguras e largas as pontes que ele deixou” E é verdade, deixaste-nos um grande legado. Martin Luther King dizia: “O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”.

E queremos que saibas que a tua partida não te silenciou, mas antes que ganhaste as nossas vozes! Tens em nós braços e pernas da tua missão de igualdade e de inclusão. Hoje cumpre-se o nosso hino que diz “Se a tua voz trouxe mil vozes para cantar, vais descobrir mil harmonias belas que ao céu hão de chegar”. Pois bem, a tua voz levantou-se durante muitos anos e agora que fala aí de cima, mais baixinho, ganhou aqui mil vozes para cantar!

Esperemos que nos oiças aí do céu. Terminamos com as palavras que apenas os jovens entenderão; as palavras em que numa oração fizeste cada um de nós acreditar: “Tu já és feliz.” Com todo o amor que te podemos dar, Os jovens da tua Igreja.“

Até breve.

Homenagem

plural e inter-religiosa

Durante vários anos o Reverendo Fernando Santos representou a Igreja Lusitana no grupo de trabalho inter-religioso do Alto Comissariado das Migrações (ACM). A sua participação neste grupo bem como a sua pessoa, foram alvo de homenagem dos seus companheiros de trabalho no decorrer do II Congresso do Diálogo Inter-Religioso realizado no passado dia 3 de Novembro em Lisboa. Aqui ficam transcritos, os testemunhos de homenagem daqueles que com ele privaram no ACM.

“RECORDO-O COMO UM HOMEM DE CONCÓRDIA, COM MUITO BOM SENSO E FORTEMENTE COMPROMETIDO E DEDICADO ÀS CAUSAS DA SENSIBILIDADE HUMANA.”

Joaquim Jorge Moreira
Representante da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Portugal - Mórmons

“GUARDO A RECORDAÇÃO DA SUA FIRMEZA NO ESSENCIAL, DO SEU EQUÍLIBRIO NO ACESSÓRIO E DA EMPATIA QUE EM TUDO CONSTRUÍA.”

Paulo Macedo
Representante da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

“PESSOA DEDICADA E RESPEITADORA DOS PRINCÍPIOS E VALORES DE CADA UM DE NÓS.”

Mahomed Abed
Representante da Comunidade Islâmica de Lisboa





ACM
ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES
GRUPO TRABALHO INTER-RELIGIOSO

“FERNANDO, QUANDO ALGUÉM NOS DEIXA CEDO DE MAIS FICA EM NÓS A MÁGOA DO ENORME POTENCIAL QUE HAVIA AINDA POR MANIFESTAR E POR ISSO MAIS FORTE SE TORNA A ASPIRAÇÃO DE QUE NOS HAVEMOS DE ENCONTRAR E CELEBRAR.”

Catarina Rodrigues
Representante da União Budista Portuguesa

“HOMEM MODERADO, ABERTO AO DIÁLOGO, SÁBIO E DEDICADO ÀS CAUSAS QUE ABRAÇOU. CONTAGIANTE NA SUA FÉ.”

Sara Narciso
Representante da Aliança Evangélica Portuguesa

“O PADRE FERNANDO, QUE EU CONHECI, ERA UM HOMEM MUITO LÚCIDO, ABERTO AO MUNDO, À VIDA E ÀS SUAS MUDANÇAS.”

Ivone Félix Correia
Representante da Comunidade Bahá'í em Portugal

“HOMEM DE IGREJA E DE CAUSAS, EXCELENTE COMUNICADOR E SEMPRE FRONTAL.”

Padre Ricardo
Representante da Igreja Católica Apostólica Romana (Patriarcado de Lisboa)



DO BATISMO AO DISCIPULADO A IGREJA EM MISSÃO

O 97º Sínodo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica reuniu-se na Catedral de S. Paulo, Lisboa, de 31 de Maio a 2 de Junho 2018, sob o lema «Do batismo ao discipulado; a Igreja em Missão», inspirado no mandamento de Jesus aos seus discípulos (Mt. 28,19-20). O Sínodo iniciou-se com a celebração eucarística de ação de graças pela instituição da santa comunhão que foi presidida pelo bispo diocesano e teve como pregador o Bispo Anthony Poggo.

Sendo a reunião magna da Igreja e que se realiza de dois em dois anos, o Sínodo congregou o clero e os representantes paroquiais e de estruturas da Igreja num total de 34 participantes do norte e sul do país.

Participaram também convidados, representando o Conselho Mundial de Igrejas, a Igreja Espanhola Refor-

mada Episcopal, a Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa, para além de instituições portuguesas como as Igrejas Metodista e Presbiteriana e a Sociedade Bíblica de Portugal. O Senhor Arcebispo de Cantuária, metropolitano da Igreja Lusitana, fez-se representar pelo Bispo Anthony Poggo, tendo estado também presente o Cónego John Kafwanka, diretor para a Missão da Comunhão Anglicana.

O tema do Sínodo – passar do batismo a um discipulado intencional – foi aprofundado pelo Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral, que na sua alocução reforçou que a resposta aos desafios – como o envelhecimento de algumas comunidades e a escassez de membros do clero para o desenvolvimento de novas áreas de missão – terá de ser encontrada na abertura à oração e à ação transformante do Espírito



Santo, referindo que «... torna-se fundamental que no concreto da nossa vida pessoal, da vida das nossas comunidades, das nossas Igrejas, das nossas famílias e em outros contextos, pequenos grupos se reúnam para orar e orando sejam transformados e transformadores».

O Discipulado Intencional também exprime a decisão, o planeamento e a provisão de meios que a Igreja deve assumir para que nos seus diversos níveis de intervenção – visão sobre a missão, estruturas, liturgia, oração e louvor, seleção e formação de ministros e líderes – promova a transformação de batizados em discípulos e faça destes verdadeiros «pescadores de homens» (Mc. 1, 17). Por outras palavras, como expressou o bispo lusitano, a assunção do discipulado intencional determinará «uma mudança de paradigma cultural eclesial, que se traduz numa igreja que procura ir e não apenas estar, aberta e não fechada, que procura crescer e ousar e não apenas manter, mais inclusiva e menos reservada, mais profética e menos acomodada, que se prepara e equipa para a missão».

Como prioridades para o futuro o Bispo Diocesano reforçou, na sua intervenção, a formação na fé, o acolhimento das crianças e dos jovens, a abertura dos templos e a sua sinalização clara junto das co-

munidades envolventes, o cuidado colocado nas celebrações eucarísticas, a ação solidária pela oferta do pão material em conjugação com o pão espiritual e o alimentar de vocações para o sacerdócio.

Em análise no decorrer dos trabalhos estiveram os relatórios apresentados e relativos aos diversos departamentos e organismos ligados à missão da Igreja tendo todos sido bem acolhidos. Como ponto da agenda sinodal procedeu-se também à eleição dos membros para os corpos sociais da Igreja para o biénio 2018/20.

No seguimento da alocução do Bispo diocesano e das reflexões feitas pelos membros do Sínodo sobre o atual momento da Igreja e prioridades futuras foi aprovada uma proposta que passou a missões diocesanas as paróquias do Espírito Santo (Setúbal) e de Cristo Remidor (Alcácer do Sal).

Concretizando a visão da alocução episcopal, o Sínodo aprovou por unanimidade uma proposta determinando que o foco no discipulado intencional esteja presente nas prioridades da Igreja ao longo da próxima década (2018-2027), mobilizando recursos próprios e materializando-se nas paróquias, nos departamentos e em todas as iniciativas de missão e formação.



O DISCIPULADO COLOCA O AMOR EM PRÁTICA

O contexto cada vez mais global em que as igrejas são chamadas a viver a sua missão e o conjunto de complexos desafios que às mesmas se colocam, requerem uma intervenção cada vez mais concreta e assumida dos crentes, num discipulado que terá de ser intencional e concreto.

O discipulado intencional foi o tema da comunicação de um dos convidados do Sínodo, o Cónego John Kafwanka, responsável do Departamento para a Missão na Comunhão Anglicana e co-editor de um importante guia sobre o discipulado intencional em contexto anglicano.

Numa intervenção vigorosa e envolvente, lembrou as bases bíblicas do discipulado e a rutura que muitas vezes se observa entre a fé que se proclama e a experiência vivida por cada cristão no dia-a-dia.

John Kafwanka incentivou todos e cada um, aos diversos níveis, a testemunhar uma fé viva, comprometida e assente em diferenças efetivas e visíveis no quotidiano das famílias, dos contextos escolares ou laborais e não só no ambiente mais «protegido» das igrejas. Não se trata apenas de falar aos outros sobre Jesus, mas sim de viver Jesus em cada gesto, palavra e atitude.



Aproveitando a sua presença, o Novo Despertar estabeleceu com ele um breve diálogo que se transcreve.

ND - Cónego Kafwanka na Igreja lusitana estamos mesmo a começar, o nosso caminho neste programa do discipulado intencional, por aquilo que tem lido e ouvido neste Sínodo, o que pensa deste desafio para esta Igreja?

Quero começar por dizer que tem sido um enorme privilégio para mim estar presente neste Sínodo, poder saudar o Bispo D. Jorge e agradecer-lhe o convite que me dirigiu para estar aqui, sendo a primeira vez que venho a Portugal, e que tem sido muito encorajador participar

nos trabalhos e constatar que o Tema deste Sínodo é: “Do Batismo ao Discipulado”. Não podia ser escolhido melhor tema. Mas também porque não é apenas um título. Como já ouvi na alocução do Bispo, é necessário chamar a Igreja, e a Igreja Anglicana neste país, a abraçar a cultura do Discipulado e a refletir no bem-estar de vida que é proporcionado pelo Evangelho de Jesus Cristo.

Um bem-estar que circula à volta do Espírito Santo que se move em cada Cristão, que transforma as suas vidas, que por sua vez transforme a sociedade, as comunidades e as famílias. Portanto é para mim muito belo e extraordinário ouvir este empenho. O desafio deste caminho é saber como é que nós podemos ajudar a crescer esta cultura de Discipulado, nas nossas igrejas locais. Sendo um desafio, não deve representar um problema, porque não é um desafio novo que está a ser introduzido, mas é uma missão que estamos a tentar recuperar e que já conhecemos como povo de Deus, é um retorno ao mais importante da nossa fé.

Mesmo quando falamos de paróquias, as pessoas devem sentir-se entusiasmadas em perceber que de facto a nossa fé é muito significativa e importante, e que é um desafio não apenas para a minha fé individual, ou paroquial mas também para uma fé que saber viver na família, durante a semana, ou na vida profissional. Este tem que ser um aspeto muito entusiasmante da nossa fé. É disto que se trata, sermos chamados a amar a Deus com todo o nosso coração com toda a nossa mente e a amar o nosso próximo. Só daremos sentido ao Discipulado Intencional se formos capazes de colocar este amor em prática.



Presente também no Sínodo da Igreja Lusitana, e em representação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) esteve a Sr.^a Annegret Kapp, responsável pelo Departamento de comunicação.

Dado o aprofundamento que o próprio CMI tem vindo a dar ao trabalho de discipulado intencional, registamos o depoimento de Annegret sobre tão importante temática.

“Estou muito impressionada com as atividades da Igreja Lusitana, mesmo com os seus pastores a trabalhar em part-time. Sente-se que a Igreja tem tido a capacidade de trabalhar e de direcionar a missão para o Discipulado Intencional, seguindo Jesus e

colocando-o não apenas no centro da vida da Igreja, mas no centro da vida de cada cristão.

O Discipulado Intencional foi um tópico importante que também surgiu no trabalho do Conselho Mundial de Igrejas. Este ano já realizamos uma Conferência sobre Missão Mundial e Evangelização que tratou este tema numa perspetiva da relação entre o Batismo e o Discipulado. Saiu dessa Conferência o estímulo que reforça que como cristãos batizados temos que ser missionários e mostrar pelo nosso exemplo de vida o significado de sermos seguidores de Cristo.

Esta temática tem tido muita importância nas Igrejas Anglicanas, assim como noutras Igrejas, e é a forma das Igrejas estarem juntas na herança das nossas várias tradições. Com a discussão acerca da forma como lemos a Bíblia juntos, aprendemos uns com os outros acerca da forma como juntos podemos viver e crescer na fé.

No Conselho Mundial de Igrejas existe sempre uma forte ênfase no facto de que a nossa missão já não flui apenas dos centros que conhecíamos, e que até agora achávamos que era a Europa e daí para as margens, mas hoje reconhecemos que as pessoas que estão nas margens são os que na realidade têm muita coisa a ensinar-nos acerca do que significa sermos seguidores de Cristo.”



Celebrações decorrem em contexto da ação de graças e de memória

No contexto do programa de celebrações dos 150 anos da Igreja e Escola do Torne realizou-se, no passado dia 20 de Setembro pelas 18h15, no Auditório do Arquivo Municipal Sophia de Melo Breyner, em Vila Nova de Gaia, uma sessão solene de inauguração de uma Exposição com o título: "Torne, um lugar na História" que teve também a apresentação da reedição do Livro "Diogo Cassels - A praxis ao serviço da fé" da autoria do Dr. Fernando Peixoto.

O Programa constou de um momento de saudação e boas-vindas pelo Dr. António Manuel Silva, responsável pela organização e logística desta Exposição; por um momento cultural com interpretação de uma peça para piano do Professor José Viana da Motta, de quem se comemoram também os 150 anos de nascimento; um vídeo relativo à história dos edifícios e espaços da Igreja e Escola do Torne e finalmente a constituição da Mesa em que estiveram o Bispo D. Jorge Pina Cabral, a Camara Municipal de Vila Nova de Gaia que se fez representar pelas Sras. Vereadoras, Dr.^a Elisa Cidade do Pelouro da Educação, e pela Dr.^a Marina Ascensão do Pelouro de Ação Social; o Arquivo Municipal de Gaia, que acolheu este evento, que foi representado pelo seu Diretor Dr. José Melo; pelo Dr. Moreno Afonso da Universidade do Minho e pela Dr.^a Isabel Peixoto, filha do Dr. Fernando Peixoto.

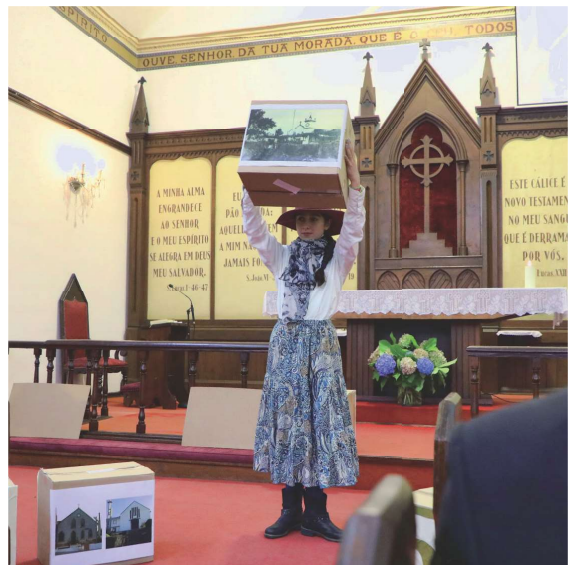
Num segundo momento passou-se ao lançamento da reedição do livro "Diogo Cassels: a praxis ao serviço da fé" do Dr. Fernando Peixoto. Esta segunda edição contém um Posfácio, escrito pelo Dr. Moreno Afonso, que numa breve palavra deu conta da escrita deste livro e do seu autor. Para terminar esta sessão tomou a palavra a Dr.^a Isabel Peixoto, filha do Dr. Fernando Peixoto, que evocou a memória do seu pai, desde a primeira vez que em menino perguntou a quem passava no Jardim do Morro quem era o senhor que estava representado naquele monumento, até ao seu esforço na recolha de dados biográficos e apontamentos dispersos para a elaboração da respetiva obra.

Na continuidade destas Comemorações realizou-se no passado dia 20 de Outubro na Igreja do Torne, uma outra Sessão Solene Evocativa com início pelas 11h00 de um momento devocional na Igreja seguido do descerramento de uma placa comemorativa dos 150 anos da fundação da Igreja e Escola do Torne. O programa matutino contou com a presença de diversas entidades religiosas e civis que se quiseram associar às celebrações.

Seguiu-se um almoço de confraternização entre antigos alunos e professores, membros e amigos da Igreja Lusitana e outros convidados. A partir das 17.00h, no Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia realizou-se uma visita à Exposição "Torne - 1868-2018, Um lugar na História" e procedeu-se à apresentação da reedição do Livro "A Reforma em Portugal" de Diogo Cassels publicado em 1908. A apresentação desta reedição esteve a cargo de D. Fernando da Luz Soares, Bispo Emérito da Igreja Lusitana. Foi também também apresentado publicamente o catálogo impresso da exposição.

De referir ainda que no passado dia 28 de Junho, a Igreja e Escola do Torne foram distinguidas com a Medalha de Honra do Município pelos seus 150 anos. Esta distinção foi atribuída no âmbito das comemorações dos 500 anos do Foral da cidade. O Bispo D. Jorge Pina Cabral a quem foi entregue a medalha expressou a sua satisfação e alegria e a de toda a Igreja, realçando que ela representa não apenas um reconhecimento do trabalho já feito, mas muito em especial um estímulo e um comprometimento para continuar um trabalho de missão dedicado aos mais necessitados.

O programa celebrativo dos 150 anos da Igreja e Escola do Torne continuará com diversas iniciativas a serem desenvolvidas até meados de 2019.





In Memoriam

Isabel Freire Messias

1923 - 2018

Para muitos a morte é o apagão. Tudo se desvanece, tudo acaba, é o verdadeiro fim, a saída de cena, o desaparecimento total. Como escreveu Fernando Pessoa: “A morte é a curva na estrada, / Morrer é não ser visto.” Existe, porém, uma outra abordagem da questão. Com a nossa morte deixamos de ser vistos, é certo, mas podemos continuar a existir na memória daqueles que nos acompanharam, que viram o que fizemos, ouviram o que dissemos e conosco se relacionaram. É um modo de continuar a ser “visto”, de continuar a “viver”, ultrapassando a imagem do apagão da morte.

Nesse sentido aqui estamos, pouco depois da sua morte, a lembrar a Isabelinha, como carinhosamente era tratada na Paróquia de S. Paulo, em Lisboa, fazendo presente o seu modo afável de estar, o seu sorriso luminoso, a sua candura na análise dos assuntos e, acima de tudo, o seu cuidado em não ferir ninguém com a sua opinião ou comentário, antes, sempre procurando encontrar modos de compreender e apaziguar divergências.

E podia ficar por aqui. Mas, se tal fizesse remetia para o esquecimento uma outra particularidade do seu caráter, quiçá a mais determinante e decisiva no seu modo de estar.

É que há um outro modo de olhar a morte – mais profundo e consolador – a “visão” da fé. A fé permite-nos descortinar na morte um sentido, ou seja, um significado que ultrapassa a fria rigidez do cadáver, a tristeza da separação física e a saudade amarga dos que se relacionaram com o(a) falecido(a), familiares e amigos. Na fé podemos dizer com convicção “partiu para o Pai”, ou, “voltou à casa do Pai”. Assim assumimos que somos parte de algo que nos criou e transcende e, portanto, que na morte estamos a cumprir a nossa viagem de regresso. Não morremos, não acabamos, encetamos um novo percurso, um novo modo de estar. É que para os que cremos no Jesus ressurreto temos a vida que o amor de Deus nos concede, da qual nem a vida terrena nem a morte nos separa (Rom. 8,38-39), porque a plenitude desse amor nos preenche e transforma.

Ora, na esteira duma família centrada na linha da fé em Jesus Cristo e, de modo particular, de seu pai, Ilídio Freire, homem de grande fervor evangélico, a Isabel punha em tudo o que fazia e dizia a sua enorme fidelidade a Jesus alimentada pela leitura assídua e questionadora da Bíblia. Não se limitava

a lê-la, procurava ir ao encontro da interpretação mais autêntica e que melhor a chegasse à verdade consultando diversas traduções dos textos. Também retroverteu para português textos de diversa literatura cristã estrangeira. Assim foi alcançando uma coerência evangélica no seu modo de estar que realmente a distinguiu. Procurava ombrear a sua vivência na fé com a realidade de que era parte, mostrando uma pensada responsabilidade cívica e eclesial. Por exemplo, aquando da criação do Departamento das Mulheres, manifestou-me a sua incompreensão (nunca concordou com as Sociedades de Senhoras nas Paróquias) e deixou no ar a pergunta: “... e porque não também um Departamento dos Homens?”. Era a sua visão holística da Igreja na linha do Apóstolo Paulo (Gal 3,28) que considerava que a igualdade em Cristo vais mais além das diferenças de raça, nacionalidade e cultura e elimina todas as discriminações por razões sociais e de género. Senti muito bem esta sua vertente questionadora e informada nas conversas que tínhamos sobre os meus artigos no Novo Despertar e, quantas vezes, as minhas homilias. Foi realmente alguém que muito me ajudou no meu ministério pela sua veia interpelativa e serena.

Deu muito de si à Paróquia, onde exercitou com alegria e doçura a sua fé, o que a tornou uma pessoa muito respeitada e querida, como organista por dezenas de anos e como membro da Junta Paroquial. Recordo, também, a sua colaboração assídua e muito apreciada no Novo Despertar, com uma coluna que normalmente refulgia de espiritualidade, e na Comissão de Revisão do Livro de Liturgia da Igreja Lusitana. E realço ainda a sua participação numa importante reunião (Partners in Mission) que teve lugar na Buraca, em 1978, com representantes da Igreja Episcopal Americana e do Concelho Consultivo Anglicano, da qual saíram decisões relevantes para o futuro da Igreja Lusitana, em particular a sua integração na Comunhão Anglicana.

Comovi-me quando soube do seu falecimento mas depressa me recompus ao trazer à memória a riqueza da vida com que me deparei no decurso do ministério de Bispo e de Pároco de S. Paulo. Dei graças a Deus por isso e, pela fé que me aconchega, consolei-me acreditando que na sua chamada ao Pai ouviu a voz divina: Isabel, serva boa e fiel, entra no gozo do teu Senhor (S. Mat. 25,21).

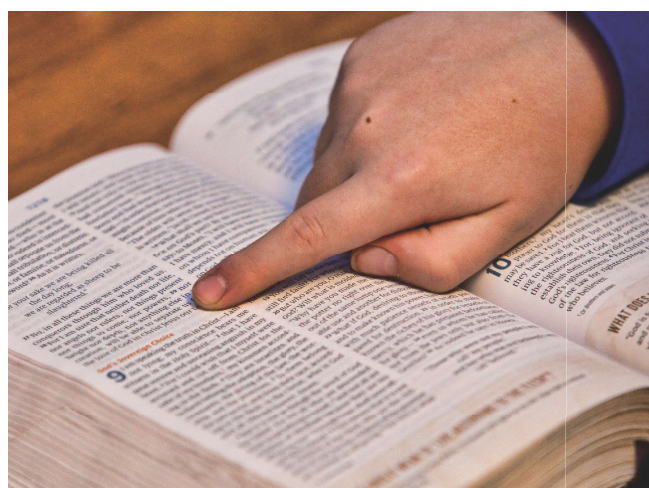
+ Fernando
Bispo Emérito

Curso de Teologia em andamento

Fruto da parceria entre o Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET/Igreja Lusitana) e o Centro de Estudos Anglicanos (CEA/Igreja Episcopal Anglicana do Brasil), vai-se realizar o Curso de Imersão no Anglicanismo. Este Curso teológico terá o seu início em Novembro 2018 com uma duração de 2 anos. O objetivo da formação é oferecer a visão Anglicana nas áreas bíblica, litúrgica, pastoral, teológica e histórica. O conteúdo das matérias será adaptado à realidade portuguesa ao nível da liturgia, história e cânones da Igreja. Serão ainda providenciadas matérias ajustadas aos objetivos de Missão traçados no último Sínodo da Igreja Lusitana concretamente na área do Discipulado Intencional. Recorde-se que no último Sínodo este projeto de formação teológica foi considerado prioritário em termos de missão e insere-se ao nível da cooperação da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana (Portugal, Brasil, Angola e Moçambique).

O Curso será desenvolvido no formato de educação à distância utilizando a plataforma Moodle. Para cada disciplina ministrada haverá um tutor da parte do IAET que fará o necessário acompanhamento a cada aluno. As turmas serão compostas por alunos brasileiros e portugueses o que enriquecerá a formação, dado que haverá oportunidades de partilha de visões e de conhecimentos entre os participantes provindos de diferentes contextos culturais e académicos. Da parte da Igreja Lusitana estão inscritos 18 alunos entre clero, leigos e pessoas interessadas.

Pedem-se as orações de todo o povo da Igreja para este novo projeto de formação e de missão e em particular para todos aqueles e aquelas que se disponibilizaram para frequentar o Curso.

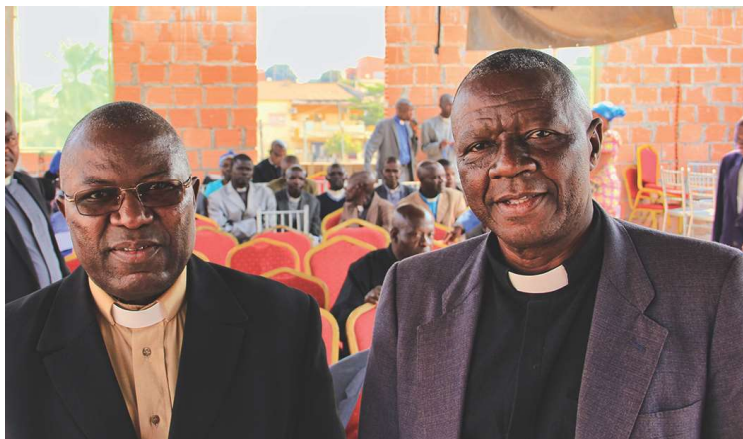


Angola

onde as várias cores pintam uma só paisagem

Visitei Angola no passado mês de Agosto de 2018 a convite de D. André Soares, bispo da Igreja Evangélica Unida – Comunhão Anglicana em Angola. Foi um tempo de companheirismo marcado por múltiplas experiências e pelo aprofundamento dos laços entre Igrejas irmãs no contexto da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana. O programa da visita foi diversificado e muito enriquecedor com partilha mútua de saberes e de recursos que fortalecerão a Missão a desenvolver. Apresento registos diversos, traços soltos e coloridos que procuram exprimir a riqueza de um povo, de uma Igreja e de um país abençoado por Deus.

+ Jorge Pina Cabral



O nosso Reverendo Barros Pedro Banza é sempre uma caixinha de (boas) surpresas! No decorrer do encontro do clero apresentou-me o seu irmão Rodrigues Pedro Banza (na foto) também ele ministro ordenado a servir a Igreja. A família Banza (doze irmãos) é natural da província do Uíge município do Songo tendo sido educada na missão do norte de Angola. O patriarca Banza foi ministro da Igreja Reformada. Pude constatar que o Reverendo Barros Pedro Banza é uma pessoa muito estimada e respeitada pelo seu passado de serviço à Igreja em Angola e atualmente em Portugal na Igreja Lusitana.



O Bispo André Soares é o rosto da Igreja Anglicana em Angola. Exercendo funções de delegado episcopal desde 1992 é sagrado Bispo no ano de 2003. Sob o seu impulso e orientação a Igreja desenvolveu-se contando atualmente com 63 congregações e cerca de 60.000 membros presentes em diversas províncias de Angola. A sua sabedoria é imensa no tratamento das questões e problemas que se colocam a uma Igreja em expansão. É um grande amigo da Igreja Lusitana referindo muitas vezes os laços históricos que unem ambas as Igrejas.



As mulheres tem um papel determinante na Missão da Igreja. Agrupadas na União das Mães na Diocese de Angola estão presentes em todas as áreas inclusive já no clero e na direção da Igreja Anglicana. Com a sua presença vibrante e numerosa animam as celebrações e conferem com os seus lenços e capulanas azuis um bonito colorido que também as identifica enquanto testemunhas de Cristo.

O Encontro Nacional do Clero congregou os ministros da Igreja bem como as suas esposas. Foi um tempo marcado pelos momentos de devoção e louvor, pelo convívio fraterno e pela formação para o exercício do ministério. Foram diversos os oradores e fui convidado para apresentar e aprofundar os temas da Liderança e da Unidade em Missão. A ética ministerial, a evangelização, género e violência doméstica, sustentabilidade e testemunho foram também temas abordados. Tudo decorreu de uma forma planeada e organizada na simplicidade de um edifício em construção que será a futura sede da Igreja Anglicana na província do Uíge no norte de Angola.



Parece que finalmente Angola está a caminhar para um desenvolvimento mais sustentável. Há um sentimento de esperança e de confiança no futuro fruto dos novos poderes democráticos eleitos. A grande maioria da população vive com pouco e subsiste através de uma economia informal que está presente em todo o lado. O desemprego é grande e em especial entre os jovens. Estima-se que até ao ano de 2050 a população Angolana duplique para 65 milhões de pessoas. Este crescimento rápido trará problemas dado que não será proporcional ao desenvolvimento social e económico. É um povo lutador e de uma grande resiliência que enfrenta com humor os problemas do dia-a-dia.

A diocese anglicana em Angola foi fundada em 2002 e recentemente passou a ser uma diocese plena com autonomia própria e possibilidade de criar novas dioceses. Para celebrar o seu 16º aniversário enquanto diocese foi celebrada uma Eucaristia na cidade do Uíge que contou com a presença de dois mil pessoas e na qual tive a honra de pregar. Bem ao estilo africano a celebração demorou várias horas que incluíram a participação de diversos coros e testemunhos. Um ato de fé de resistência.





Transformar os conflitos a partir das bases

Intervenção do Sr. Arcebispo de Cantuária nas Nações Unidas

O Arcebispo de Cantuária, proferiu no passado dia 29 de Agosto uma intervenção no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Justin Welby possui uma extensa experiência na área da reconciliação, razão pela qual é membro convidado do conselho consultivo para os assuntos de mediação de conflitos. O convite foi-lhe endereçado pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres.

A sua intervenção teve o título de: “Manutenção da Paz e Segurança Internacional: para uma Mediação Pacífica dos Conflitos” e o Novo Despertar dá aqui nota de algumas das passagens mais significativas deste discurso.

“Começo por expressar o meu sentimento de perda pelo desaparecimento recente de Kofi Annan que foi um dos maiores homens da ONU, e um construtor da paz.

Sinto-me honrado por estar aqui hoje para dirigir a palavra numa dupla perspectiva: como membro do Conselho Consultivo da ONU, e também como líder religioso de uma Igreja Global. O Anglicanismo é uma

Igreja Global cuja média dos seus membros se situa na pobreza, são mulheres, e vivem em contextos de conflito ou pós-conflito, e que têm um profundo desejo de paz. A Igreja, e outras comunidades de fé, estão presentes em lugares do mundo onde existem conflitos, por isso nunca os abandonaremos.

No Sudão do Sul, os líderes religiosos – incluindo o líder da Igreja Anglicana, Arcebispo Justin Badi – têm tido um papel muito importante na gestão do processo de paz e nos bloqueios que conheceis muito bem.

A mediação só pode ser eficaz se for feita num contexto de reconciliação. Quando a mediação trata da resolução de conflitos, a reconciliação é o processo de transformação de um conflito violento em co-existência não violenta, em que as comunidades que chegam a acordo com a história e aprendem a discordar em paz.

O sonho dos fundadores das Nações Unidas era abolir o conflito. Muitos deles respondiam desta forma às palavras de Jesus Cristo nas Bem-aventuran-

ças, aplicando-as a toda a Terra: “Bem-aventurados os que fazem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”.

Existem, e sempre existirão profundas diferenças dentro e entre as nações – mas os termos com que se lida hoje em dia com essas diferenças é totalmente diferente da forma como se fazia há 70 anos. Foi possível abolir a ameaça nuclear global, mas não de abolir a sua contínua ameaça. Hoje em dia a base da ordem internacional contorce-se e os interesses nacionais continuam a ser demasiado admitidos. Este Conselho tem tido a sabedoria para aprender com aqueles que viveram em guerra global e aprendemos todos que interesses e vantagens a curto-prazo conduzem sempre à destruição a longo-prazo, a grandes guerras e a pequenos conflitos.

As instituições religiosas são as únicas que muitas vezes funcionam em situações de grande fragilidade ou de pré-conflito.

Serão neste momento os métodos de reconciliação os mais adequados, no que diz respeito à colaboração com as religiões e as formas tradicionais de fazer a paz? Neste tempo de incertezas, e de novas rivalidades internacionais, para salvaguardar a paz temos que investir na reconciliação e estar dispostos a dar apoio para melhorar as relações humanas.

Uma instituição como a Igreja pode ter nesta questão é muito relevância. As instituições religiosas são as únicas que muitas vezes funcionam em situações de grande fragilidade ou de pré-conflito. Estão presentes antes, durante e depois dos conflitos. Providenciam chamadas prévias sobre os sinais de conflitos. Uma reconciliação de “prevenção” que impeça que os conflitos se tornem violentos ou que a violência regresse, pode ser feito e trabalhado através das instituições religiosas, este trabalho pode ser feito por jovens e mais velhos, por mulheres e homens, ricos e pobres.

Se pudermos transformar os conflitos dentro de um enquadramento de reconciliação – a partir das bases e não apenas em conferências de elites – abrimo-nos ao trabalho conjunto e a caminhos mais reais para a paz.

Uma agência de cruzamento de informações e um departamento de cruzamento de estratégias, podem abrir novas vias para inovar nas negociações para a paz, oferecendo mais opções num sistema internacional cada vez mais complexo. A parceria entre a ONU e grupos como a Rede de Pacificadores Tradicionais e Religiosos ajudaria a construir um melhor entendimento. O trabalho do Assessor Especial do Secretário-Geral para a Prevenção do Genocídio é uma estrutura importante que as comunidades religiosas necessitam para ajudarem a evitar a escalada de conflitos.

Também quero reconhecer o importante trabalho da Inter-Agência das Nações Unidas para a Religião e Desenvolvimento, no entanto, é necessário que a ONU vá além destes esforços. A reconciliação transformadora deve estar no centro quando construirmos parcerias entre a ONU e as comunidades de fé.

Senhor Secretário-Geral, deixe-me garantir-lhe pessoalmente todo o meu apoio neste trabalho.

Sobre este tema, há pouco tempo reuni uma equipe no meu escritório para aprender com experiências passadas. Muitos participantes trabalharam com a ONU. Juntos podemos continuar a incentivar outras religiões para nos ajudar na construção da paz, esta é a nossa oferta para este momento de dor global.

Em situações em que os governos falharam, onde governos não oficiais governam, muitos povos sofrem. Nesses contextos difíceis a Igreja e outros grupos religiosos - com existências precárias – oferecem esperança e mediação

Ao pensarmos em abordagens novas e inovadoras para a prevenção de conflitos, a Igreja e as Religiões podem ser aliados.

Como disse o Senhor Secretário-Geral, a participação das mulheres e dos jovens na mediação e transformação de conflitos é essencial.

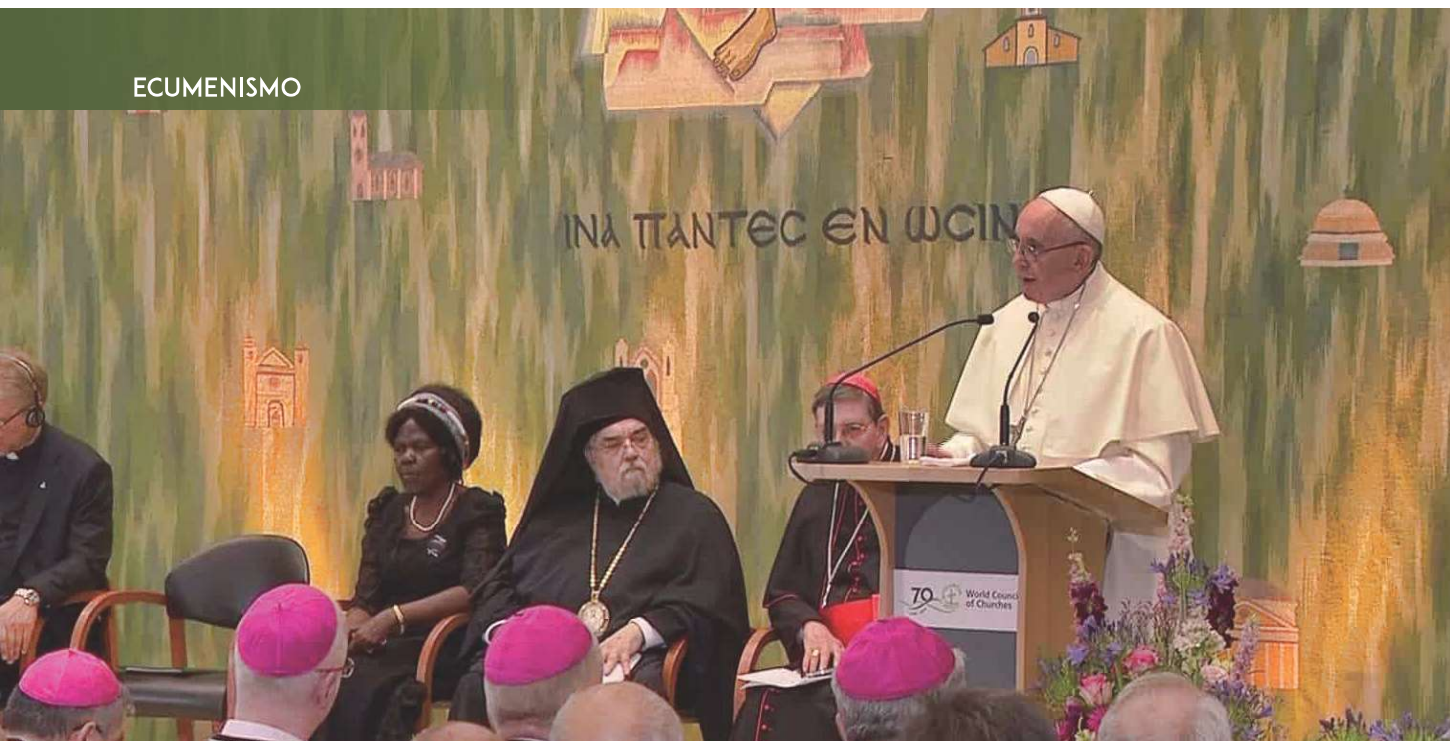
Na Comunhão Anglicana desenvolvemos um programa chamado: “Mulheres na Linha da Frente” que oferece apoio às mulheres nos seus contextos. Este programa já esteve em vários lugares de conflito severo. Mas precisa de ser complementado por jovens, como este Conselho já enfatizou.

No início deste ano organizei um “Fórum de Pacificadores Emergentes” – que reuniu 50 jovens cristãos e muçulmanos de todo o mundo, com o objectivo de os sensibilizar para a prevenção e construção da paz.

Estou grato ao Secretário-Geral pela sua liderança nessa questão e pela sua disposição em adoptar medidas inovadoras para trabalhar. No momento em que a ONU apontou os horrores em Myanmar, lembro que o conflito destrói a dignidade, a esperança e os melhores sonhos.

Agradeço o convite e exorto-vos a comprometerem-se com a transformação do conflito violento em discordância não violenta, para uma abordagem verdadeira e inclusiva da participação na mediação e reconciliação, agora e nas gerações futuras.

Obrigado.”



“Viagem para unidade com fortes desejos de união”

Visita do Papa Francisco à Sede do Conselho Mundial de Igrejas

No passado dia 21 de Junho o Papa Francisco esteve presente em Genebra no 70º aniversário da fundação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Em Conferência de imprensa o Secretário-geral do CMI afirmou: “A visita do Papa Francisco nesta peregrinação ecuménica e no nosso 70º aniversário é um marco histórico na busca da unidade dos cristãos e da cooperação entre as Igrejas para um mundo com paz e justiça”. O Papa celebrou uma Missa na qual foi incluída uma oração em língua portuguesa. Francisco teve também um encontro com oito membros do CMI que vieram das duas Coreias. Após um momento de oração no Centro Ecuménico, o Papa dirigiu a palavra num encontro ao mais alto nível e enquadrado numa das Conferências Comemorativas deste aniversário.

Fundado em 1948, O CMI reúne Igrejas Ortodoxas, Anglicanas, Metodistas, Baptistas, Luteranas e outras Igrejas Reformadas num total de 350 Igrejas-membros, representando cerca de 500 milhões de cristãos espalhados por 100 países. A Igreja Católica Romana não é membro oficial, mas é observadora das reuniões.

O CMI continua a empenhar-se nos seus princípios fundadores: “o fortalecimento das relações entre

as Igrejas e parceiros ecuménicos, a espiritualidade, a responsabilização e envolvimento dos jovens na vida das Igrejas, no diálogo inter-religioso e na cooperação e construção de uma comunidade global mais justa”.

Antes do Papa Francisco, dois outros Pontífices visitaram a Sede do Conselho Mundial de Igrejas: Paulo VI, em 10 de Junho de 1969, e João Paulo II, em 12 de Junho de 1984.

Numa visita de pouco mais de 13 horas os organizadores afirmam que sem dúvidas esta visita enviou ao mundo um importante sinal de unidade, não deixando de lembrar a sua anterior presença na Catedral de Lund, na Suécia em Outubro de 2016, pelos 500 anos de Lutero, em que também esteve presente o Bispo D. Jorge Pina Cabral.

Fica aqui um pormenor de grande beleza estética e teológica, nesta mesma catedral para comemorar a visita do Papa Francisco foi dedicada uma nova Pia Baptismal. A Igreja Lusitana é membro de pleno direito do Conselho Mundial de Igrejas participando e estando presente em diversas das suas actividades.

Grupo Ecuménico Jovem do Porto apresenta...

Salvar os Oceanos



Cerca de 40 voluntários estiveram, na tarde de dia 29 de Setembro, na Praia Internacional do Porto (junto ao Edifício Transparente na Foz) no evento 'Salvar os Oceanos' - organizado pelo Grupo Ecuménico Jovem do Porto - onde foram recolhidos 3155 itens diversos de lixo, aproximadamente 3,400kg.

O evento teve o apoio dos Green Anglicans - Rede Lusófona, Earth Charter Initiative, A Rocha Internacional, Surf Church Porto, Edifício Transparente e também do Porto Fitness e inseriu-se no contexto do Tempo da Criação que as Igrejas em todo o mundo celebram anualmente de 1 de Setembro a 4 de Outubro.

Da nossa igreja, estiveram presentes o nosso Bispo D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, e as jovens Mariana Sá Couto, Sofia Pina Cabral e Catarina Sá Couto.

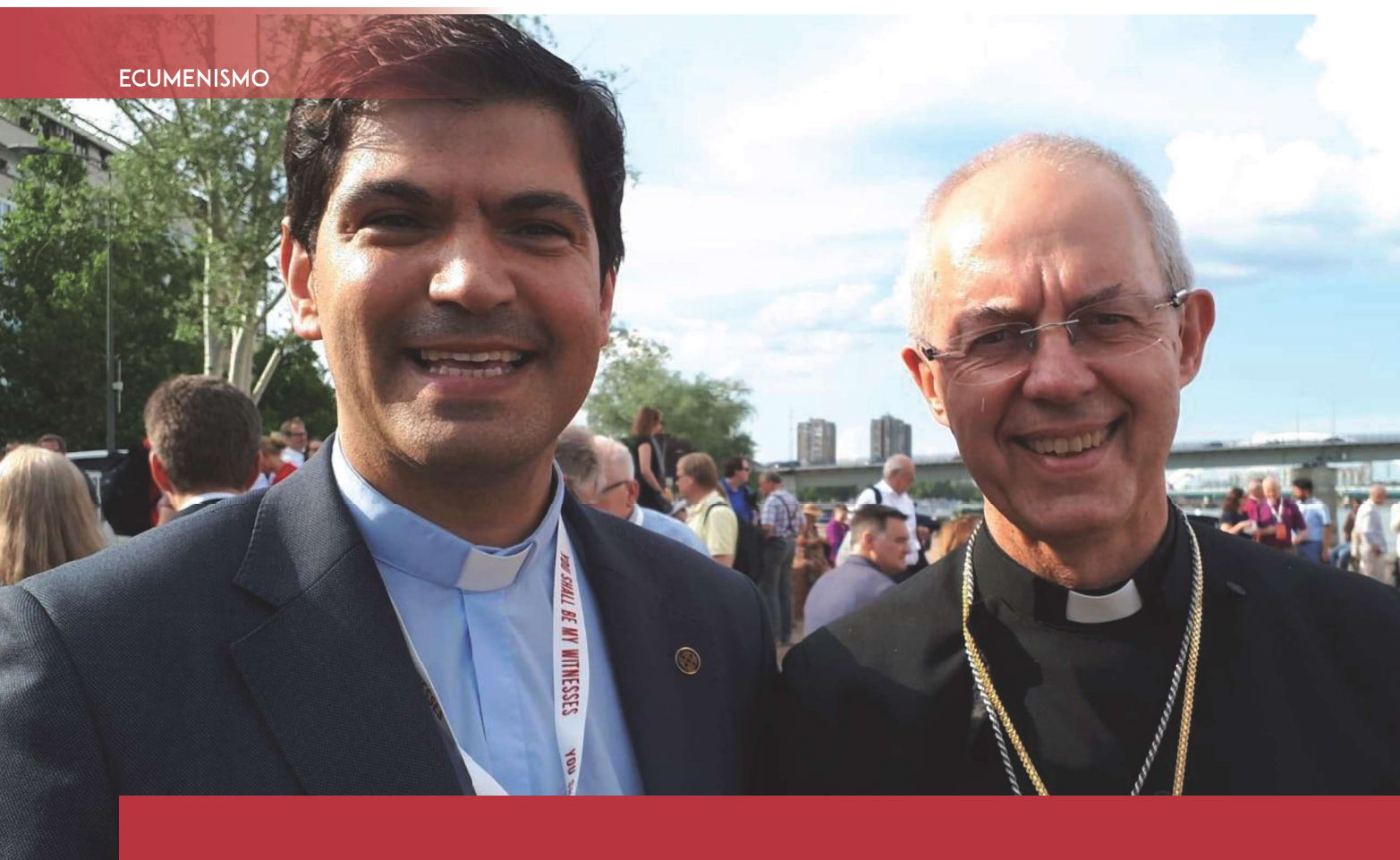
Após uma oração inicial tiveram lugar os workshops. Nos adultos, o tema foi a sustentabilidade e os objectivos de desenvolvimento sustentável da ONU; nos mais pequenos o tema foi a biodiversidade e 'pensar sistemas' (processos necessários para fazer cada item que usamos ou consumimos no dia-a-dia).

Na limpeza, foram tirados da areia, impedindo de chegar ao oceano, nomeadamente:

- 2.336 pontas de cigarro
- 235 fragmentos de plástico
- 124 fragmentos de vidro
- 67 fragmentos de espuma/esferovite
- 1 Pneu e 1 Ferro de andaime (retirados pela Associação do Porto de Leixões - APDL)

Mais do que uma acção de cuidado para com a criação, esta actividade sensibilizou-nos para a mudança de hábitos levando esta mensagem a outros.





ASSEMBLEIA GERAL
SERÃO MINHAS TESTEMUNHAS
 NOVI SAD 2018

“Serão minhas testemunhas” Actos 1, 8 foi o tema orientador da Assembleia Geral da Conferência das Igrejas da Europa que decorreu na cidade de Novi Sad, Sérvia, entre os dias 31 de maio a 6 de junho de 2018 e que juntou num tempo de fraternidade, reflexão e esperança mais de 600 pessoas, entre clérigos, leigos e muitos jovens, representando o diversificado e rico mosaico eclesial que caracteriza a Europa de hoje.

Esta foi a minha primeira participação na Assembleia como delegado da Igreja Lusitana. Devido à data do Sínodo da Igreja, apenas integrei os trabalhos da Assembleia no dia 2 de Junho e assim que cheguei deparei-me com a força espiritual e alegria do povo reunido num mesmo local. Anglicanos, Protestantes, Ortodoxos e outras tradições Cristãs, juntas como testemunhas do mesmo Jesus, refletindo, orando e procurando força e novos caminhos para o testemunho e missão.

A caminhada foi feita junto ao rio Danúbio, onde devido à guerra do Kosovo nos anos 90 do século passado, várias pontes foram destruídas causando inúmeras mortes. Ao longo do caminho os presentes caminharam e oraram e no final plantaram árvores. Foi um momento profético onde a imagem da ponte que une margens e aproxima ligações a todos contagiou, particularmente no contexto de uma Europa em que alguns procuram criar muros de medo e destruir pontes de confiança, cooperação e solidariedade.

Inspiradora foi a mensagem do Sr. Arcebispo de Cantuária, Revmo. Justin Welby (na foto), que na sua apresentação abordou o fenómeno do medo, concretizado em muitos países por uma cultura do medo que a todos quer estrategicamente contagiar e suscitar o erguer de muros e tornar os homens e mulheres do nosso tempo, fechados nesse medo que aprisiona, não liberta e não consegue discernir a unidade da diversidade da Igreja de Cristo, que nos convoca a amar o nosso próximo como a nós mesmos.

Reverendo Sérgio Alves

Mensagem da Assembleia às Igrejas e povos da Europa

Do Oriente e Ocidente, do Norte e do Sul, os membros das Igrejas que constituem a Conferência das Igrejas Europeias, viajaram atravessando a Europa. Viemos com a visão e a esperança no futuro da Europa. Reunimo-nos na Sérvia, agradecidos e abençoados pela hospitalidade das Igrejas que nos receberam e reconhecendo os seus desafios. Estivemos juntos num tempo de incerteza acerca da Europa, onde muitos experimentam a perda da dignidade, enfrentam exploração, a destituição e o abuso de poder.

Nas margens do Danúbio, na cidade de Novi Sad, onde pontes foram destruídas durante conflitos e reconstruídas em tempo de paz, unimo-nos em oração. Veio connosco uma sede de justiça; a nossa grande preocupação pelas pessoas, o nosso continente e o nosso mundo. Viemos para partilhar o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que veio trazer cura e paz. Afirmamos que ouvimos o mandamento de Cristo para sermos Suas testemunhas, e escolhemos viver com esperança. Seguindo o próprio Cristo, procuramos ser construtores de pontes através do poder transformador da fé. Como testemunhas vivas da fé, respondemos ao apelo de Cristo declarando que:

Testemunharemos Cristo:

- Proclamando que Cristo faz a oferta de um amor e de uma graça que salva;
- Encontrando-nos juntos para desfrutar da nossa comunhão ecuménica e para receber dela as riquezas dos dons que Deus nos oferece;
- Afirmando que cada pessoa foi criada à imagem e semelhança de Deus e como resultado disso tem inerente a si mesma uma dignidade própria;
- Sendo uma comunidade inclusiva, comprometida com o florescimento das mulheres e dos homens, e que dá as boas-vindas aos povos com os seus talentos e experiências;
- Sendo uma comunidade inter-geracional, valorizando as vozes dos mais novos que são o nosso presente e não apenas o nosso futuro;
- Praticando a solidariedade com os nossos irmãos e irmãs em Cristo na Europa e para além dela.

Serviremos a Cristo procurando e praticando a justiça:

- Estimulando os indivíduos, instituições e as Igrejas a trabalhar para o fim da violência, da perseguição e da discriminação, assumindo a liberdade religiosa ou de crença;
- Procurando a Reconciliação e a resolução pacífica dos conflitos;
- Estando ao lado, dando forças e ouvindo aqueles que se encontram a si mesmos silenciados, nas margens das nossas Igrejas ou comunidades e no mundo;
- Cuidando da Criação de Deus e trabalhando a favor de uma justiça ecológica e climática e de um futuro sustentável do nosso planeta.

Serviremos a Cristo oferecendo e aceitando hospitalidade:

- Oferecendo com generosidade as boas-vindas a refugiados e estrangeiros de todo o tipo de fé ou crenças;
- Envolvendo-nos no diálogo, partilhando a nossa fé Cristã e aprendendo uns dos outros;
- Levantando as nossas vozes para ultrapassar divisões, exclusão e marginalização, advogando os direitos humanos e uma justiça socioeconómica para todos;
- Reconhecendo a hospitalidade que nos é dada por Deus no mundo criado e pelo trabalho a favor da integridade da Criação;

Convidamos todas as nossas Igrejas membros e todo o povo a que se juntem a nós para formarmos uma Europa onde construímos pontes para o bem de todo o nosso continente e do mundo.

Jovens em diálogo inter-religioso



Nos dias 17 a 20 de Julho, o Alto Comissariado para as Migrações (ACM) - proporcionou o encontro de 19 jovens de oito comunidades religiosas¹ numa ambiência em comunidade, com tarefas, horários e actividades que nos abriram horizontes.

Este encontro anual chamado 'MEET-IR', completou a sua 3ª edição consecutiva, 2ª edição com a participação Anglicana. Eu (Paróquia S. João Evangelista) e o Nelson David (Paróquia de S. Tomé) fomos representar o Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana (SJIL) neste evento na cidade do Fundão numa casa da ACM localizada numa aldeia chamada "Castelo Novo".

Falo deste evento pois o "Diálogo Inter-Religioso" tomou todo um novo sentido com esta participação no MEET-IR. Depois do MEET-IR, para mim, falar de diálogo inter-religioso não é mais falar de conceitos, é falar de pessoas: da Maryam, do Bruno, do Jay, da Margarida, do Nadim, da Bia, da Sandra, do Paulo, da Mahdyah, da Sara, da Núria, do Zé «Escuteiro», da Ana, da Catarina, do João, da Maria e da Ana Margarida. São caras, são rostos, são personalidades.

Lembro-me perfeitamente de um encontro do Grupo Ecológico Jovem, no Porto, em que reflectimos sobre uma coluna do Henrique Raposo com esta ideia: "O meu muçulmano não corta cabeças, apenas bebe cerveja sem álcool e come sandes de queijo"². A imaginação, o desconhecido, é sempre muito mais fértil que a realidade. O aproximar de duas realidades descomplica e torna simples o entendimento.

Quando cheguei ao MEET-IR estava tímida, com muito cuidado para não falar do 'Elefante no meio da sala' - as nossas diferenças. Achava que este assunto seria um tabu. A timidez foi curta, logo no primeiro almoço do MEET-IR todas as pessoas da minha mesa tiraram as dúvidas acerca das confissões religiosas uns dos outros. A conversa era imensa, este tópico arrastou-se durante 4 dias, continuaria se tivéssemos mais tempo.

Dizem que o convívio/diálogo inter-religioso com mais sucesso é o que tem como participantes crianças.

A pureza todavia também caracterizou este à-vontade nos jovens. Partilho da perspectiva, tal como no Ecuemenismo, que o Diálogo Inter-Religioso é desfazer os muros do preconceito que temos com o desconhecido, com a diferença, e que nos cega e impede de ver e viver em plenitude com o nosso próximo.

O objectivo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, a meu ver, não deve ser mudar o outro ou mudarmo-nos a nós com a meta das religiões ou confissões ficarem mais parecidas. O mundo, e a respectiva construção do Reino de Deus, ficaríamos condenados se a aceitação do meu próximo estivessem dependentes de todos terem de ser iguais a mim. A ideia na base destes movimentos é não colocarmos barreiras ao convívio natural e respeito por qualquer diversidade que o nosso próximo possa ter.

O Diálogo Inter-Religioso é desfazer os muros do preconceito que temos com o desconhecido, com a diferença, e que nos cega e impede de ver e viver em plenitude com o nosso próximo.

Neste convívio, não deixamos de acreditar naquilo que acreditamos, ser aquilo que somos, seja a nível inter-confessional ou inter-religioso. No MEET-IR houve um jovem, o Paulo, que conceptualizou esta ideia que a todos pairava embora sem nome: "Honestidade Intelectual". Isto é convívio/diálogo inter-religioso, viver na diversidade com honestidade intelectual.

Quando isto acontecer, não só co-habitaremos com outras religiões na sociedade mas viveremos em plenitude uns com os outros, como aliás aconteceu e provou ser possível os 4 dias em Castelo Novo com todos os jovens. Esta postura vale para a religião ou confissões, mas para muito mais. Coloca em perspectiva a nossa relação com o próximo.



O Amor, o cuidado, carinho e protecção que Deus tem por cada um de nós ultrapassa o sítio onde nascemos, ultrapassa fronteiras, culturas ou mesmo a opção religiosa que tomamos. Formou-nos desde o ventre³, conhece a mais ínfima característica da nossa personalidade, sabe o que vamos dizer antes mesmo de falarmos⁴.

A relação que Deus nos pede com o nosso próximo, que Cristo testemunha, exige o esforço de pisar a linha de conforto. Se sentimos um muro, de crença, de feitio, de desconhecimento, com o nosso irmão, aproximemo-nos, conheçamos, convivamos com irmãos de determinada cultura, religião ou orientação. Garanto, porque aconteceu comigo, que o muro não será mais um conceito ou ideia, para nós será uma pessoa, aquela(s) pessoa(s) com quem convivemos. Simplifica, é físico e não intelectual. Mas até vou mais longe, mais do que viver com a diversidade, o grande desafio ao nosso dispor é deixarmos-nos enriquecer pela diversidade do outro.

Na profunda Fé destes jovens no MEET-IR também vi um reflexo da minha Fé, pormenores muito bonitos que devo trabalhar em mim que me ajudam na proximidade a Cristo Jesus: a minha relação com a esmola ao pobre, algo típico do islamismo; a importância da ‘Revelação’ de Deus a cada um, como os Mórmons enfocam; também a ‘Revelação’ no momento da oração abrindo a nossa alma à comuni-

dade como os Adventistas do Sétimo Dia e algumas comunidades evangélicas; o cuidado para com a criação e todo o ser vivo, característico do hinduísmo.

Naquela diversidade e riqueza, também vi claramente o cumprimento da promessa de Deus quando disse a Abraão: “Terás uma descendência tão grande como as estrelas do céu, serás pai de muitos povos”⁵.

Neste MEET-IR, apenas o hinduísmo não descendia de Abraão, 99% dos jovens estavam naquele encontro, partilham de uma Fé, porque Abraão se manteve fiel a Deus e, por isso, Deus manteve-se também fiel às suas promessas.

Agradeço/agradecemos (Eu e o Nelson) ao SJIL a enorme oportunidade que nos deu, a nossa vida sai mais enriquecida deste encontro e ao Rev. Fernando Santos pelo trabalho que em nossa representação tem desenvolvido junto deste grupo religioso na Universidade Católica de Lisboa, no dia 3 de Outubro para uma actividade que durará todo o dia, onde, na presença de vários representantes do Estado português, será lida a Carta comum que todos nós, participantes do MEET-IR desta 3ª edição, fizemos.

Catarina Sá Couto
SJIL

¹Igreja de Jesus Cristo dos últimos dias (Mórmons), Aliança Evangélica (Igreja Baptista, Igreja Pentecostal e Igreja Evangélica ‘Os Irmãos’), Comunidade Islâmica de Portugal, Igreja Católica Romana, Comunidade Bahá’í, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Comunidade Hindu de Portugal e nós, a Comunhão Anglicana em Portugal. ²Henrique Raposo, «O meu muçulmano não corta cabeças», crónica no Expresso, 15 de Junho de 2013. ³Salmo 139, 13; Salmos 71, 6; Jeremias 1, 5; Isaías 44, 24. ⁴Salmo 139, 4. ⁵Génese 15, 5.

O Reino de Deus

Tenho sido interpelado por diversos membros da Igreja sobre o Reino de Deus. Normalmente no fim dos cultos, quando temos de dispersar a nossa atenção pelas diversas pessoas e seus problemas e todas com vontade de saírem para os seus afazeres, o que não permite explicações aprofundadas ou extensas sobre o assunto. Então, aqui vos apresento a minha interpretação de alguns textos bíblicos sobre tão importante conceito cristão.

1. Antes de tudo atentemos no texto de S. Lucas 16,16: “A lei e os profetas duraram até João: desde então é anunciado o Reino de Deus”. Jesus estabelece uma divisão entre o passado, o Antigo Testamento, a Aliança antiga, e o novo tempo, o do anúncio da Boa Nova do Reino. São duas épocas da contínua obra divina, duas “economias da salvação”, como lhe chamam os teólogos, mas em que é patente a relevância dada ao tempo do Reino que transcende o tempo que o precedeu e preparou. Temos disso boa prova na resposta de Jesus às críticas dos discípulos de João Batista sobre o facto de os discípulos de Jesus não jejuarem: “Por que é que nós e os fariseus jejuamos, mas teus discípulos não jejuam?” (S. Mat 9, 14-17). A roupa velha e os odres velhos referidos não são senão o judaísmo, no que tem de caduco em relação à salvação, como o pano sem remendos e o vinho novo representam o espírito novo do Reino de Deus. Isto é, uma outra dimensão religiosa distinta do mero cumprimento de práticas religiosas, como o jejum, em que a ênfase está na experiência da alegria e da luz, que Jesus refere no grande banquete do Reino onde entram todos, “bons e maus” e em que há alegria para todos por igual (S. Mat 22, 1-10; S. Luc 14, 15-24).

O critério fundador do Reino é “o pequeno”.

2. Vejamos agora como Jesus caracteriza o Reino de Deus, segundo o evangelho de S. Marcos.
“O Reino de Deus é como se um homem lançasse a semente na terra e, dormindo ou acordado de noite e de dia, a semente germinasse e crescesse, sem ele saber como. A terra por si mesma produz fruto (...)” (4, 26-29).

Ensina-nos Jesus que o Reino de Deus cresce e manifesta-se por si mesmo, sem que o homem saiba como, e de que só tem consciência quando lhe vê os frutos. Ou seja, o Reino não é nada que possamos construir ou que dependa da nossa capacidade; antes, é ação de Deus que surge e emerge quando assumimos a nossa fragilidade e atuamos em humildade, porque só dos “humildes” é o Reino de Deus (S. Mat. 5,3). O que em nós é manifestação do Reino não advém da nossa vontade está somente expresso (ou não) nos nossos gestos ou hábitos de humanidade na nossa relação com os outros. Só aí emergem os frutos do Reino.

Ainda, na continuidade daquele texto, Jesus chama a nossa atenção para outro importante aspeto do Reino de Deus.

“É como um grão de mostarda, que, quando semeado na terra, embora seja menor que todas as sementes que há na terra, contudo, depois de semeado, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças e deita grandes ramos, de tal modo que as aves do céu podem pousar à sua sombra” (4, 30-32).

No projeto de Jesus o critério fundador do Reino é “o pequeno”. Já o tema das bem-aventuranças é: são os despojados e oprimidos, os “pobres” ou os “humildes” que estão disponíveis para o Reino de Deus (comparar S. Mat 5,3 com S. Luc 4,18). Assim nos mostra o Deus das pequenas coisas e identifica-se com os pequenos: as crianças, os últimos, os menores, os excluídos, os “ninguéns”. Como a semente, algo definido que se vai transformar pela absorção das capacidades e qualidades da terra em que se enraizou, o pequeno é o que contém a capacidade de mudar, de se transformar, num processo de maturação (purificação) à luz de Jesus no seu coração. O Reino de Deus é, afinal, uma ambiência de crescimento na fé, a convicção que se molda e baseia no indizível, o que não conseguimos dizer nem enxergar, mas que nos vai lentamente definindo e se mostra nos nossos atos e olhares não pelo que somos mas pelo que Jesus é em nós. Como dizia S. Paulo “Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vivo em mim”(Gal 2,20).

3. O Reino de Deus tem os seus efeitos, as suas consequências nos que por ele se deixam tomar.

“Ide e proclamai que o Reino dos Céus está perto: curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos e expulsai os demónios” (S. Mat 10, 7-8). Destes versículos é pertinente dizer que Jesus envia os seus apóstolos com uma nota clara: há uma relação direta entre a proclamação do Reino e tudo o que é dar vida. Na perspectiva de Jesus o Reino de Deus faz-se presente não com doutrinas e teorias mas dando vida aos que a têm limitada ou ameaçada. Neste sentido, Jesus pede aos que querem fazer parte do Reino de Deus que trabalhem e lutem por dar vida e por dignificar a vida.

Assim, podemos dizer que o Reino de Deus que Jesus nos anunciou é um projeto de humanidade.

Também em S. Marcos 6, 7-13 se pode verificar que o Evangelho de Jesus nos aponta para uma forma de viver que não está determinada nem condicionada pelo dinheiro e bem-estar, mas pela preocupação de aliviar o sofrimento, pelo respeito pela dignidade e direito de todas as pessoas, pelo empenho de fazer felizes aos que nos rodeiam. Assim, podemos dizer que o Reino de Deus que Jesus nos anunciou é um projeto de humanidade.

Para Leonardo Boff o Reino de Deus não é obra imprevisível de Deus, é uma visão do que o homem pode fazer na sua própria existência. Isto é, o Reino de Deus implica uma exigência de comportamento, uma conduta determinada, a que se pode chamar a dimensão ética do Reino. E isso exige conversão – não crença somente – a Jesus de tal forma que a vida do(a) crente se transforme e passe a ser uma militância permanente pela vida, nossa e dos outros. Na grande tradição profética do Antigo Testamento o compromisso religioso era marcado por ‘exigências’ diversas: a justiça, em Amós; a fidelidade e a misericórdia, em Oseias; a fé e a humildade, em Isaías. Em Miqueias 6,8 o Profeta resume tudo isto escrevendo: “Ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”.

Podemos agora compreender o que o Apóstolo Paulo escreve em Romanos 14,17: “O Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.

+ Fernando Soares

Bispo Emérito



Por detrás da objetiva

Rostos e olhares africanos que revelam a diversidade e a riqueza da Igreja que somos

Sorrisos sinceros e abertos que refletem a alma de um povo irmão acolhedor e fraterno

Mulheres sempre presentes e unidas na construção do Reino de Deus

Trajes e cores que afirmam o orgulho e a dignidade da cultura africana

Criança que se fez presente para nos apontar um futuro de paz e de amor

Ntondele - Obrigado Angola

(na foto da capa : membros da Paróquia Anglicana dos Mártires na cidade do Uíge no norte de Angola)